

Artaud e seu duplo na Demanda do Santo Graal

Maria Cristina Souza Brito
Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas - UNIRIO
Professora Associada- Doutora em Letras (UFF)

Resumo: Analisar a teatralidade do episódio da filha do rei Brutos na Demanda do Santo Graal, versão portuguesa do original francês do século XIII, nos levou a descobrir semelhanças entre ela e as propostas de teatralidade presentes na obra de Antonin Artaud. Assim, a partir do jogo do duplo, mito preconizado pelo teórico e artista francês em sua poética, foi estruturado um texto dramático cuja encenação, intitulada “O amor e a donzela no teatro da crueldade da Demanda do Santo Graal”, foi apresentada no Teatro Odylo Costa Filho na UERJ. Esse trabalho se propõe a discutir o processo no qual o texto e sua performance buscam a revelação do duplo no complexo jogo de personagens, ação e espaço no ritual da cena, que se realiza como um duplo da vida.

Palavras-chave: Artaud, teatralidade, Demanda do Santo Graal.

No episódio *Galaaz e Boorz em casa de rei Brutos da Demanda do Santo Graal*, versão portuguesa do original francês do século XIII, o rei Brutos recebe em seu castelo dois cavaleiros cristãos, que se encontram na busca do Santo Graal. Tal fato poderia passar como um evento corriqueiro da época, se não fosse pela ocorrência do despertar do amor na filha do rei, jovem cuja pureza deveria ser preservada para seu futuro esposo, que, por sua vez, deveria ter o mesmo grau de nobreza que ela possui. No entanto, a donzela, ao se deparar com Galaaz, se vê possuída pelo sentimento amoroso como se fosse vitimada por uma possessão, contra a qual ela não tem forças para reagir. E assim, ela é impulsionada a realizar o seu desejo e vai em busca do cavaleiro Galaaz para seduzi-lo. No entanto, acontece para a donzela algo inesperado: ela se vê diante do voto de castidade do cavaleiro, que por estar na demanda do Santo Graal tem o impedimento para a realização do desejo da jovem, o que vem a ser a causa de uma imensa tragédia que tem o seu fim na morte da donzela.

A Demanda do Santo Graal é um caminho sagrado de aperfeiçoamento do cavaleiro, dentro do qual são poucos aqueles que conseguirão concluí-lo. Galaaz, pelas suas características, de perfeição cristã, será aquele que dentre todos consegue chegar ao Graal e se unir misticamente a ele. Para isso, ele sofre na caminhada um processo de aperfeiçoamento de suas virtudes que, como uma peste, vitima o cavaleiro e o impulsiona a prosseguir, a despeito de todas as dificuldades e perigos com que se defronta.

Nesse sentido, Galaaz, pelas suas ações arquetipicamente, exemplares é, na narrativa, considerado um mito do cavaleiro perfeito. Como afirma Heitor Megale na sua Introdução da Demanda do Santo Graal, apenas os cavaleiros castos conseguem a graça

de ver o Santo Vaso: “De todos os cavaleiros que saem em busca do Graal, apenas Galaaz e Persival, porque virgens, e Boorz, porque casto, conseguem a graça de ver o Santo Vaso. Todos os demais cavaleiros ficam sem esta revelação por terem se apegado demais aos valores puramente terrenos.”

A donzela, ao se deparar com o poder de atração desse cavaleiro exemplar em conduta e formosura, sofre um processo de empestearamento semelhante àquele do cavaleiro, que a coloca também em demanda. Seu Graal é o próprio sentimento amoroso, que vai levá-la inexoravelmente a um impasse diante da castidade do cavaleiro amado. Seu objeto amoroso é impossível de ser atingido e sem possibilidade de realizar a sua demanda, a donzela se encontra diante da impossibilidade de viver.

No universo metafísico do mito e do sagrado a narrativa se desenvolve como uma encenação da crueldade, que buscamos transpor ritualisticamente para o espaço da cena preconizada por Antonin Artaud.

Será dessa maneira no rito que a donzela transcenderá a impossibilidade, mergulhando a ação em um outro tempo: o seu ritual de amor se transfere para um tempo mítico, fora da realidade objetiva do castelo em que vive. É o tempo da paixão, da ilusão e da desilusão que transcorre no tempo do ato da cerimônia teatral. Será dessa forma no rito do teatro que o rito do amor da donzela acontece.

A donzela, como uma sacerdotisa, conduz a encenação da cerimônia do seu próprio sacrifício. Nessa cerimônia, a donzela, oficializando o rito, se desdobra em outros personagens que refletem a sua alma, como seus duplos e com os quais, no espaço mítico vive o seu conflito amoroso que ela enuncia dessa forma: “Eu amo tanto um destes cavaleiros andantes que aqui estão, que se o não tiver à minha vontade, não chegarei a amanhã, antes me matarei com minhas mãos.”

O amor vai conduzi-la a uma singular demanda na qual as regras da nobreza em que está inserida são rompidas e essa ruptura é traduzida pelos duplos com os quais ela vai se debater na cena. Assim, no ritual ela se desdobra em sua ama que lhe dá conselhos sobre o que deveria ser sua adequada conduta: “Se a donzela o cavaleiro tiver à sua vontade não pode ser que o rei não saiba tarde ou cedo. Quando souber que o cavaleiro com a donzela está, ele é tão bravo que matará a donzela e quantos a nisso a ajudarem.”

Galaaz reafirma as palavras da ama, censurando também a conduta da donzela de tentar se aproximar dele na tentativa de sedução amorosa: “Donzela, quem vos mandou aqui, certamente mau conselho vos deu. Rogo-vos por cortesia e por vossa honra que vos vades daqui. Olhai a altura de vossa linhagem e de vosso pai e fazei que não tomem desonra por vós.”

A demanda amorosa é muito forte e embora os duplos apareçam revelando um outro lado de si mesma, da sua inserção na mentalidade da nobreza medieval, a donzela luta desesperadamente contra eles, buscando a realização do amor, que representa uma transgressão séria a essa mentalidade.

Não conseguindo vencê-los, a donzela só encontra uma saída para o empestamento amoroso de que é vítima: a morte. Dessa forma, a morte é ritualizada por ela na cena e, transcendendo a realidade e o tempo, a donzela diante da crueldade, isto é, do sofrimento que faz parte dela como um acontecimento ontológico, se mata com a espada de Galaaz.

Como tudo faz parte de um acontecimento ritualístico e sagrado, a filha do rei pode ressurgir e reiniciar a sua trágica história, contando para si mesma a sua caminhada na demanda do seu graal, isto é, na busca de realização do seu sentimento amoroso pelo cavaleiro cristão Galaaz.

Para Artaud, o teatro é o duplo da vida, duplo que se expressa no espaço da peste, metafísica e crueldade, no universo do mito. O episódio da Demanda, como vimos, oferece esses elementos que buscamos desenvolver na cerimônia ritualística da cena teatral. Observamos para isso a relação de duplo estabelecida entre os personagens no espaço mítico e sagrado do despertar do amor. Sentimento que age como um processo de empestamento que conduz a personagem inexoravelmente a uma demanda impossível do amor do cavaleiro cristão.

Para isso a cena se constrói sobre signos que apresentam uma natureza simbólica, como o espaço cenográfico circular, as alternâncias de cores branca, denotando a pureza no figurino da donzela e negra que caracterizam o cavaleiro e a ama, em uma espécie de luto amoroso. Dessa forma, as vozes da personagem, o fundo musical, os adereços como o cálice e a espada, o cenário, em estrutura circular, o atletismo afetivo em que investe a atriz como sacerdotisa do ritual da donzela, tudo na cena envolve e relaciona signos que adquirem novas significações.

O relacionamento desses signos estruturam no espaço da cena e do rito a poesia da crueldade. Poesia que se confunde com o caráter metafísico proposto por Artaud na sua poética teatral. Nesta a crueldade, expressa como rigor e sofrimento ontológico se revela nas contradições conflitantes do personagem como um profundo jogo de duplos.

Assim, buscamos no episódio da Demanda do Santo Graal, a revelação no espaço, da encenação da crueldade que encontramos na narrativa do século XIII.

Para isso, construímos uma dramaturgia cujo título é “O amor e a donzela no teatro da crueldade da Demanda do Santo Graal” e buscamos desenvolvê-la no espaço como um monólogo ritualístico da filha do rei, que desempenha a função de sacerdotisa da

cerimônia. Apresentamos o resultado de nossa pesquisa para o público em geral no Teatro Odylo Costa Filho, na UERJ, em julho de 2010. A encenação foi concebida como um ritual mágico e sagrado numa performance que se expressa como uma escritura do duplo.

Dessa forma, o teatro busca traduzir, na perspectiva da poética de Antonin Artaud, a relação de duplo entre a narrativa e a cena, entre o rito concebido como uma cerimônia e a poesia, construída como uma relação anarquista de signos no espaço.

Todo esse jogo, que se instaura como o teatro da crueldade, é revelado como um duplo da vida e encenado como uma demanda simbólica do Graal, na perspectiva do duplo do sentimento amoroso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, ANTONIN. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora. 1993.

A DEMANDA DO SANTO GRAAL. *Texto sob os cuidados de Heitor Megale*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1988.